



Escrita feminina e engajamento social no sul do Brasil: as irmãs melo e a luta pelos desvalidos

Women's writing and social engagement in south Brazil: the melo sisters and the struggle for the underprivileged

Luciana Coutinho Gepiak 

Universidade Federal do Rio Grande

lcgepiak@gmail.com

Conflito de interesses: nada a declarar. Financiamento: nada a declarar.

Histórico:

Submissão | Received: 30/09/2021

Aprovação | Accepted: 19/11/2021

Publicação | Published: //



RESUMO

Ao longo do século XIX e primeiras décadas do XX, a escrita feminina teve uma etapa de ampla difusão ao longo do território brasileiro. Enfrentando todo o tipo de obstáculos, essas mulheres escritoras promoveram atividades literárias diversificadas, servindo-lhes, a imprensa, como veículo essencial de divulgação de suas produções. Tal ação, no sul do Brasil, teve o destaque das irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro, as quais, em meio às lides literárias e jornalísticas, desempenharam importantes papéis na sustentação de bandeiras de luta por causas sociais e políticas. Esta pesquisa tem por objetivo abordar a ação social das autoras junto ao Clube Beneficente de Senhoras.

Palavras-chave: Escrita feminina, Luta social, Irmãs Melo, Clube Beneficente de Senhoras, História, História das Mulheres

ABSTRACT

Throughout the nineteenth century and the first decades of the twentieth century, women's writing had a stage of wide diffusion throughout the Brazilian territory. Facing all kinds of obstacles, these female writers promoted diversified literary activities, using the press as an essential vehicle for disseminating their productions. Such action in southern Brazil was highlighted by the sisters Revocata Heloísa de Melo and Julieta de Melo Monteiro, who, in the midst of literary and journalistic activities, played important roles under the banners of social and political causes. This research aims to address the authors' social action with the Clube Beneficente de Senhoras (Ladies' Benevolent Club).

Keywords: Women's writing, Social struggle, The Melo sisters, Clube Beneficente de Senhoras, History, Women's history

:

Apesar de todos os obstáculos impostos, reproduzindo um fenômeno histórico em escala mundial, o Brasil do século XIX serviu de palco para a difusão da escrita feminina, com a eficaz ação de mulheres escritoras que atuaram ao longo do território nacional. Esse fenômeno também ocorreria ao sul do país, na sua mais meridional província, depois estado, do Rio Grande do Sul. Tendo de enfrentar os preconceitos e a situação de predomínio pleno do modelo patriarcal, ainda mais arraigado em meio ao conservadorismo social sulino, essas intelectuais não mediram esforços para difundir seus escritos, constituindo a imprensa o principal veículo de divulgação. Nos quadros sul-rio-grandenses, a cidade do Rio Grande teve um papel cultural fundamental. Fundada ainda à época colonial, foi a primeira povoação portuguesa instalada no Rio Grande do Sul, desempenhando uma função militar-estratégica decisiva na expansão lusa em direção à região platina. Com o passar do tempo, a localidade veio a transformar-se no mais importante ponto comercial sulino, servindo seu porto para comercializar o charque, base econômica gaúcha, e receber importações de toda ordem. A partir das atividades mercantis, a cidade portuária se afirmaria como uma das principais no contexto provincial/estadual, atingindo um progresso econômico que trouxe consigo também uma importante evolução cultural. No século XIX e primeiras décadas do XX, a cidade possuiu um Gabinete de Leitura, que se transformou na Biblioteca Rio-Grandense, uma das mais importantes do país, e contou com a circulação de uma

diversificada imprensa, que incluía o jornalismo noticioso, político, comercial, literário, satírico e humorístico, bem como teve a ação de diversos clubes, com finalidades socioculturais. Além disso, esse ambiente foi propício para o aparecimento de uma ativa intelectualidade, incluindo, entre ela, as representantes da escrita feminina.

Em tal conjuntura, deu-se a ação de duas das mais importantes escritoras brasileiras dos Oitocentos e decênios iniciais dos Novecentos, as irmãs Melo. A mais velha, Revocata Heloísa de Melo, nasceu em 1853, na capital gaúcha, Porto Alegre, mas, ainda criança, passou a morar na cidade do Rio Grande, onde atuou ao longo de toda a sua vida, que se estendeu até 1944. A mais jovem tinha por nome de batismo, Julieta Nativa de Melo, nascida em 1855, na cidade do Rio Grande, e passando a chamar-se, após o casamento, Julieta de Melo Monteiro, denominação pela qual ficou mais conhecida em sua carreira, que também se desenvolveu na localidade portuária, até a sua morte, em 1928.

Como era comum à época, as irmãs Melo tiveram uma ação intelectual diversificada, atuando como professoras, jornalistas, poetisas, cronistas, contistas, memorialistas, polemistas e teatrólogas. No que tange às atividades jornalísticas, colaboraram com vários periódicos de diversas localidades brasileiras e no exterior, preferencialmente os de natureza literária, mas também em noticiosos, políticos e caricatos, entre outros. Em termos de produção bibliográfica, Revocata de Melo publicou Folhas errantes (1882) e Julieta Monteiro, Prelúdios (1881),

Oscilantes (1892), Alma e coração (1898) e Terra Sáfara (edição póstuma, 1928). Além disso, ambas desempenharam uma significativa ação conjunta, chegando a publicar em coautoria Coração de mãe (1893) e Berilos (1911) (FLORES, 1999, p. 350-351; SCHMIDT, 2000, p. 306-319, 892-897; SCHUMAHER; BRAZIL, 2000, p. 308, 477-478, 485; COELHO, 2002, p. 314, 564-565; FLORES, 2011, p. 464).

Associando a atuação literária com a jornalística, Revocata e Julieta tiveram um papel significativo na expressão da escrita feminina, principalmente no Rio Grande do Sul, mas com uma atuação que se estendeu pelo Brasil e até no contexto internacional. Os “textos de autoria feminina se distinguem dos demais por possuírem um tom, uma dicção, um ritmo, uma respiração” própria, incorrendo em um universo com tendência intimista (BRANCO, 1991, p. 13-14), vindo a refletir a conjuntura que cercou as autoras, pois este tipo de escrita traz em si “contextos histórico-culturais e sociais específicos”, na elaboração da “produção literária” (MINGOCHO, 2005, p. 8). Vencendo uma “fronteira de prestígio difícil de ultrapassar, por causa da resistência em aceitá-las como tais”, as escritoras se antepuseram às “dificuldades de reconhecimento”, de modo que, “apesar de tudo, as mulheres transpuseram essa barreira” e, “nos séculos XIX e XX conquistaram a literatura” (PERROT, 2015, p. 97-99).

Elas mostraram-se “dispostas a transpor as barreiras do preconceito” (PRADA, 2010, p. 28-29) e “conseguiram trabalhar em jornais, escrever periodicamente”, trabalhando “com seriedade e objetivos de

perenizar a obra de suas contemporâneas e criar uma obra própria” (MUZART, 2011, p. 24). O caminho por elas “traçado revela a ousadia no ultrapassar de múltiplas barreiras” e, além disso, “o reconhecimento granjeado” por elas “junto de pares resulta do empenho e esforço empreendidos ao longo da carreira” para a qual se dedicaram. Ocorria então “uma conquista que surgiria aos olhos das mais jovens mulheres”, que passam a torná-las na condição de “modelo e precursora” (LOUSADA, 2012, p. 111).

A produtiva carreira das duas escritoras sul-rio-grandenses trouxe-lhes um significativo reconhecimento intelectual a partir de suas produções bibliográficas e, especialmente, pelas suas atividades como editoras de periódicos. Julieta de Melo Monteiro fundou e redigiu a Violeta, que circulou entre 1878 e 1879, tendo a irmã Revocata de Melo como a principal colaboradora, vindo, tal periódico, a constituir uma das primeiras manifestações da imprensa feminina no contexto gaúcho, promovendo um intercâmbio com praticamente todas as demais províncias brasileiras e até mesmo com o exterior. Posteriormente, em 1883, Revocata fundou o Corimbo, dividindo com a irmã Julieta a redação do periódico, que se tornou um dos mais longevos representantes da imprensa feminina brasileira, sendo editado até 1944.

Estes periódicos rio-grandinos corresponderam à conjuntura na qual “assistiu-se ao surgimento de uma infinidade de jornais e revistas dedicados à mulher e à família”, constituindo um “tipo de imprensa” que “dividiu com a leitura de

romances e folhetins a esfera privada e íntima na qual vivia a maior parte do público feminino” (PRIORI, 2016, p. 9, 296). Tais “publicações genuinamente feitas de ‘mulher para mulher’ servem de termômetro para aferir os costumes de uma época”, uma vez que “retratam os paradigmas vigentes” (COSTA, 2012, p. 390). Como “publicações periódicas destinadas a mulheres e consumidas majoritariamente por elas”, estas edições têm “um papel importante na emancipação feminina” (LAMAS, 1995, p. 20), pois, “o espaço ocupado na imprensa pelas mulheres servia ao propósito de estimular e convocar para a batalha pela emancipação de outras irmãs” (LOUSADA, 2010, p. 42).

Por meio de seus escritos, Revocata de Melo e Julieta Monteiro, além de conquistarem notoriedade literária e jornalística, lançaram mão de tal reconhecimento intelectual para defenderem determinadas bandeiras de luta. Como escritoras engajadas, a maior frente de combate das mesmas foi a da emancipação feminina, lutando por um novo lugar social para a mulher, a qual deveria ser promovida por meio da educação. Elas tiveram também um fortíssimo embate de natureza política, colocando-se na oposição ao modelo ditatorial que dominou o Rio Grande do Sul por quase toda a República Velha, batalhando pelas causas das liberdades públicas e individuais. As preocupações de cunho social também constituíram outra das bandeiras de combate das irmãs Melo, como foi o caso da atuação antiescravista, promovendo a campanha pela liberdade

dos cativos através de seus textos e mesmo fundando uma agremiação abolicionista. Também no campo social, Revocata e Julieta lutaram contra as mazelas da sociedade, encampando a causa dos desvalidos e participando de entidades que promoviam atividades assistenciais tendo em vista amenizar os drásticos efeitos da pobreza.

Esta ação engajada das duas escritoras vinha ao encontro do sistema de conexões por elas promovido, principalmente por meio da imprensa e em meio ao público feminino, uma vez que, “nesta floração de mulheres escritoras”, elas não se encontram “isoladas umas das outras, mas, pelo contrário, formam uma espécie de rede feminina” que “mantém vínculos com os outros centros do país” (SOARES, 1980, p. 145). Ocorre então uma série de relações “visíveis entre os agentes envolvidos na vida intelectual” (BOURDIEU, 1989, p. 65-66). O conjunto destas inter-relações é “constituído no interior do campo ideológico de que faz parte”, levando em conta “as visões em perspectiva do campo intelectual ou político” (BOURDIEU, 2007, p. 186, 190). Especificamente em termos de imprensa, “a influência do campo jornalístico sobre os campos de produção cultural se exerce essencialmente através da intervenção de produtores culturais situados entre o campo jornalístico e os campos especializados”, de modo que tais “‘intelectuais-jornalistas’ se servem de seu duplo vínculo” para atender às “exigências específicas dos dois universos e para introduzir em cada um deles poderes mais ou menos bem adquiridos no outro”, com

base em sua “autoridade intelectual” (BOURDIEU, 1997, p. 111). O engajamento das irmãs Melo, como intelectuais, literatas e jornalistas, em torno das causas sociais, teve, na ação do Clube Beneficente de Senhoras, um de seus pontos altos.

Figura 1 - As irmãs Melo, Julieta (à esquerda) e Revocata (à direita)



Na localidade do Rio Grande, a proposta de criação de uma entidade de apoio aos desvalidos, principalmente às mulheres, foi levada a efeito em agosto de 1901, com o anúncio de que nos salões de um clube da cidade seria “instalado o Clube Beneficente de Senhoras, elegendo-se, então, a sua primeira diretoria” (Diário do Rio Grande, 2 ago. 1901, p. 2). Havia uma comissão organizadora que convidou “a todos quanto se interessam por essa humanitária ideia a tomar parte na assembleia”, que se realizaria a 4 de agosto. Tal comissão

contava “com a assistência das ilustres senhoras que se inscreveram nas listas distribuídas por diversas pessoas e associações”, ainda com a expectativa de que as ditas listas fossem “remetidas até o dia da reunião convocada” (Diário do Rio Grande, 3 ago. 1901, p. 3).

A maior preocupação era a de que “a iniciativa abrangesse um número bastante elevado de moradores através da livre adesão às listas de interessados em participar da nova associação caritativa que se lançava”. No contexto daquela mesma época, “entre agosto de 1900 e setembro de 1901, foram criados dezanove clubes beneficentes, federados ao Clube Central de Porto Alegre”, vindo a surgir no Rio Grande do Sul as entidades dessa natureza nas localidades de Porto Alegre, a precursora, Palmeira das Missões, Montenegro, São Sebastião do Caí, São Leopoldo, Jacuí, Santa Maria, Jaguari, São Borja, Bagé, Cruz Alta, Rosário do Sul, Jaguarão, Alegrete, Quaraí, Itaqui, Pelotas, Rio Grande e Uruguaiana (LAGES, 2011, p. 4).

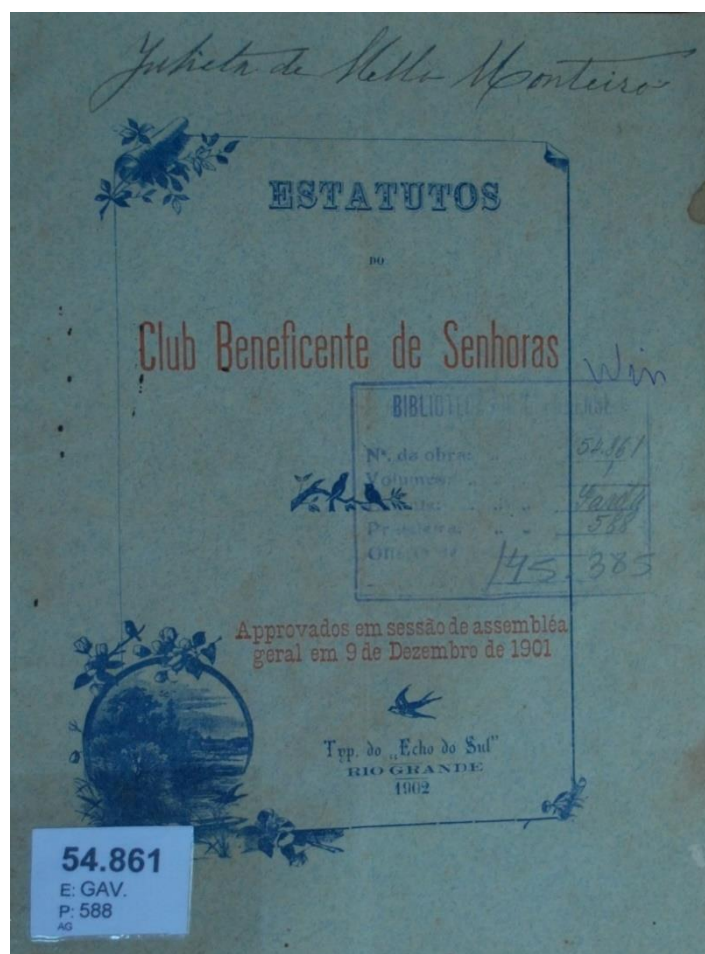
A realização da sessão fundadora da instituição foi noticiada pela imprensa, com a informação de que, “na sala principal da Sociedade Instrução e Recreio, realizou-se a assembleia geral das senhoras inscritas para constituir, nesta cidade, o Clube Beneficente”. As “excelentíssimas senhoras escolhidas para compor a primeira diretoria do referido Clube”, tiveram seus nomes, depois de eleitos, recebidos “acaloradamente, por entre bravos e palmas” (Diário do Rio Grande, 6 ago. 1901, p. 2). A lista era formada por oito senhoras, dentre as quais figuravam

Julieta de Melo Monteiro, como 1ª secretária, e Revocata Heloísa de Melo, como oradora. Em seguida, a nova gestão informou sobre os atos para a Associação Beneficente de Senhoras de Porto Alegre (ARTISTA, 5 out. 1901, p. 2).

Na ocasião, representantes do jornalismo local saudaram a investidura da nova diretoria, ressaltando o papel da entidade recém-fundada, “como elemento de força em prol da caridade”. Na mesma linha, um publicista presente se dizia “nunca indiferente às manifestações de entusiasmo pelas boas causas”, ao saudar “a novel e utilíssima associação”. Em seguida, deu-se o encerramento da sessão, “por entre aclamações festivas a tão humanitário grêmio” (Diário do Rio Grande, 6 ago. 1901, p. 2).

Durante o segundo semestre de 1901, com participação ativa das irmãs Melo, houve a preparação das regras estatutárias que regeriam a nova instituição de caridade (todas as citações elaboradas a partir dos Estatutos do Clube Beneficente de Senhoras). A redação final dessa organização estatutária foi aprovada em assembleia de 9 de dezembro de 1901, ficando caracterizada a entidade “pela valorização e pelo melhor desenvolvimento da mulher em sociedade, e em suas diretorias, assembleias e atos que importassem em decisões”, nas quais “só deveriam estar presentes mulheres” (LAGES, 2011, p. 4). Dessa maneira, em tais determinações ficava expressa a exclusividade feminina na gestão e na atuação do Clube.

Figura 2 - Capa dos Estatutos do Clube Beneficente de Senhoras autografado por Julieta de Melo Monteiro



Desde sua criação, o Clube se definia como uma associação, localizada na cidade do Rio Grande, tendo como “fim principal a prática da caridade”. Ficava estabelecido que, além do caráter beneficente, “as reuniões para fins recreativos e instrutivos também serão realizadas”. Revelando seus vínculos com uma entidade maior que servia para congregar os clubes espalhados pelo Estado do Rio Grande do Sul, a instituição rio-grandina apresenta as suas “obrigações para com a Grande Associação de Senhoras na capital”, a

cidade do Porto Alegre. A partir dessa constatação, ficava expresso que “o Clube tem por obrigação corresponder-se com a Grande Associação”, assim “igualmente por dever remeter anualmente à Grande Associação, a importância de 50\$ como auxílio à formação do patrimônio da mesma”.

Quanto à organização das reuniões do Clube, era estabelecida a existência da Assembleia Geral, a qual era formada pelas “sócias que, em número nunca menor de vinte, compareceriam à hora indicada no

local das sessões”. Tal Assembleia tinha por competência a de “tomar conhecimento do estado da sociedade por meio de um relatório minucioso que lhe será apresentado pela diretoria, em sessão ordinária anual”. Ainda cabia à Assembleia “tratar e resolver sobre todo e qualquer assunto que interessar à sociedade” e “eleger a diretoria por maioria de votos”. Ficava estabelecido também que a Assembleia Geral deveria ser “convocada ordinariamente uma vez por ano, trinta dias antes da data da fundação do Clube” e, de maneira extraordinária, “toda a vez que a diretoria julgar necessária”.

O ingresso no Clube Beneficente de Senhoras, na qualidade de sócias, poderia ser na natureza de “efetivas”, ou seja, aquelas “que contribuírem com mensalidades, frequentarem as sessões e tomarem parte nas deliberações do Clube”; de “beneméritas”, em referência aquelas “que fizerem importantes donativos ao Clube, ou lhe prestarem relevantes serviços”; e de “honorárias”, aquelas “que residindo fora da sede, continuarem a auxiliá-lo”.

A administração do Clube se dava por meio de uma diretoria, “eleita anualmente pela Assembleia Geral das sócias efetivas”, vindo a ser composta de uma presidente, uma vice-presidente, uma secretária, com uma adjunta, uma tesoureira, com uma adjunta, e uma oradora. Para auxiliar a diretoria era prevista a existência de “tantas comissões de beneficência, quantas forem necessárias”. A diretoria se reunia em “sessões econômicas e sessões magnas”, as primeiras assistidas pelas diretoras e suas auxiliares, e as outras com o

comparecimento de todas as sócias, efetivas ou não. Apareciam como deveres da diretoria, os de “levar a efeito quermesses, concertos e outros benefícios a bem dos fins do Clube”; de “promover tudo quanto for mister para que o Clube preencha de modo o mais completo, os seus fins”; e o de “levar a efeito todos os trimestres uma reunião instrutiva por meio da palavra e de leituras úteis”. Estas “preleções” de instrução cabiam a “qualquer sócia que desejar” e “pessoas alheias ao Clube”, desde que convidadas pela diretoria.

As sócias do Clube assumiam como compromissos, o de “aceitar os cargos e comissões para que forem designadas”; o de “guardar o maior sigilo sobre os benefícios feitos pela sociedade”; o de “concorrer com as mensalidades estipuladas pelo Clube”; e o de “comparecer às sessões para que forem convocadas”. No que se refere à elegibilidade, só seriam “elegíveis para os cargos da diretoria, as sócias que estejam quites com a tesouraria”.

Os Estatutos determinavam também as atribuições de cada um dos membros da diretoria. À presidente cabia “convocar e presidir as sessões da diretoria, autorizar as despesas necessárias, de acordo com o orçamento” e “assinar com a secretária, todos os papéis ou documentos que não constarem da correspondência ordinária”. A vice-presidente deveria auxiliar e substituir a presidente, nos seus impedimentos. Os deveres da secretária eram os de “lavar as atas das reuniões da diretoria”; o de “preparar e assinar toda a correspondência do Clube”; e o de

“escriturar o livro matrícula geral das sócias”. A secretária-adjunta tinha por função a de auxiliar e substituir a titular, sendo também incumbida do arquivo e da biblioteca, caso houvesse. As obrigações da tesoureira eram as de promover “a escrituração do livro caixa e auxiliares; arrecadar as rendas do Clube; atender aos pagamentos ordenados pela presidente”; e “apresentar, no fim do ano social, balanço geral com demonstrações”; e a sua adjunta deveria auxiliá-la e substituí-la. Já as incumbências das comissões de beneficência eram a de “informar à diretoria sobre as pessoas que porventura se acharem no caso de receber auxílios do Clube e efetuar-los conforme a diretoria liberar”.

Em relação às finalidades do Clube ficava definido que o seu “principal escopo é a prática da beneficência segundo os princípios da moral universal”. Além disso, “a educação da mulher também preocupará o Clube”, logo que houvesse fundos para tanto, visando a ampliar “o mais possível” esse tipo de assistência.

A estrutura financeira da entidade previa que as rendas seriam originadas da “contribuição mensal de 1\$000 de cada sócia efetiva” de “donativos” e do “produto de quermesses, concertos” e outras atividades. Já as despesas deveriam ser restritas a “aluguel de casa e luzes, trabalho de escrituração, objetos de expediente e selo postal” e “o indispensável ao funcionamento do Clube”. Ficava também detalhado que “os gastos com festas alheias aos fins do Clube correm por conta das sócias”.

Quanto aos debates promovidos em meio à instituição beneficente, “nenhuma sócia poderá tomar a palavra, quer nas sessões da diretoria, quer nas da Assembleia Geral, sem a ter obtido de quem estiver presidindo os trabalhos”. Em relação a “quem presidir as sessões, só poderá falar sobre os mesmos assuntos no ato de pô-los em discussão, e tão somente para elucidá-los, quando for mister”, ou ainda “quando nenhuma sócia peça a palavra e o mesmo objeto comporte explanação”.

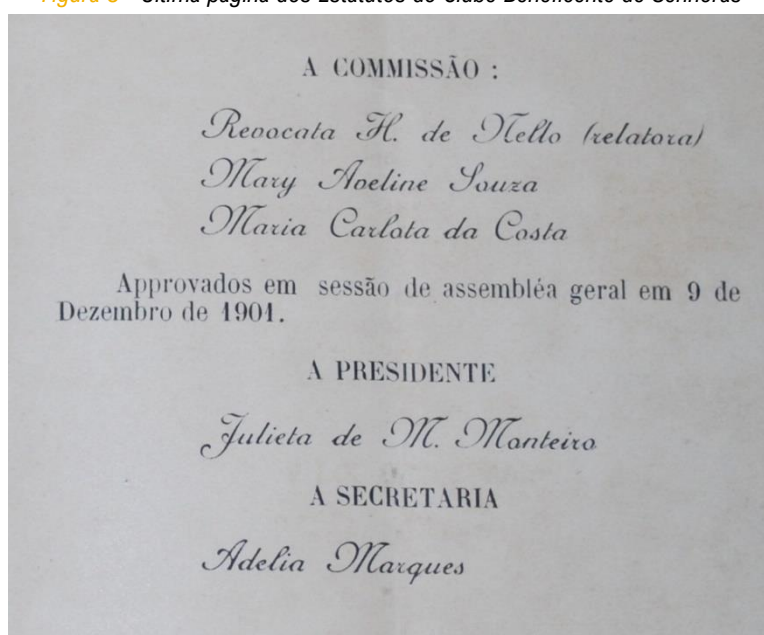
Especificamente no que se refere à beneficência, havia a previsão de que “a ação protetora e beneficente do Clube só se estende aos limites urbanos da cidade” do Rio Grande, sede da entidade. Ainda quanto à ação fundamental da instituição, a diretoria deveria organizar “um registro das pessoas a que o Clube tenha de socorrer, dando preferência” para as “senhoras que façam parte do Clube como sócios de qualquer categoria, e que, por circunstâncias extraordinárias, precisem do auxílio do Clube” e para as “senhoras viúvas e as crianças órfãs desamparadas, que não pertençam ao número dos necessitados que esmolam pelas ruas”.

Buscando manter o anonimato dos beneficiados, ficava garantido que não seriam “publicados os nomes das pessoas a quem o Clube fizer benefícios”. Os Estatutos também expressavam que o Clube não aceitaria “dedicatórias de espetáculos ou festas que visem a benefícios, cujo produto não seja em proveito de seus cofres”. Quanto às “disposições gerais”, era previsto que a entidade possuiria “um estandarte com os emblemas da Fé, Esperança e Caridade”;

que “todas as sócias têm por dever possuir um distintivo com o emblema da Caridade”, que deveria ser usado “em todos os atos extraordinários do Clube e sempre que tenham de representá-lo”; que o Clube possuiria “um sinete com os emblemas da Fé, Esperança e Caridade”, o qual serviria para marcar toda a correspondência.

O papel das irmãs Melo na idealização e efetivação do Clube Beneficente de Senhoras ficava bem marcado com a presença como relatora de Revocata na Comissão que elaborou o texto prévio dos Estatutos, e de Julieta à frente da presidência, no momento da publicação de tais regimentos.

Figura 3 - Última página dos Estatutos do Clube Beneficente de Senhoras



O Clube Beneficente de Senhoras ainda viria a possuir mais dois estatutos, um de 1910 e outro de 1947 e, “durante todos esses anos de funcionamento, a entidade primou por uma ação discreta”, com o respeito ao “princípio bíblico ‘de que uma mão não saiba o benefício que a outra praticou’”. Constituiu assim uma instituição “aberta, ecumênica, em favor da mulher, sem vinculação a ideologias, partidos ou religiões, abrangendo como sócias pessoas de diferentes atividades” e contando “com abnegadas, que fizeram os ideais estatutários tornarem-se realidade”.

As tantas colaboradoras que se seguiram “possibilitaram a consolidação da entidade”, mantendo a causa da assistência. O Clube recebeu a doação de um terreno, havendo ampla ação diretiva com o objetivo de buscar donativos, conseguindo erguer um prédio próprio, em 1921 (LAGES, 2011, p. 4).

Ao longo da atuação do Clube, o papel da mobilização feminina permaneceu incontestado, e, durante suas vidas, Julieta de Melo Monteiro e Revocata de Melo, tiveram uma ação relevante em prol da entidade, tanto ao comporem a diretoria, o

que ocorreria por mais algumas vezes, quanto em suas ações sociais e intelectuais. O Corimbo, que contou com as irmãs à frente de sua redação, teve um papel importante na divulgação das atividades da entidade, bem como na

motivação pública em torno das suas causas¹. Essa ação das duas escritoras chegou a contar com o reconhecimento da instituição, ao eleger a “ilustrada redação” do periódico como “sócio benemérito” da entidade.

Figura 4 - Diploma do Clube Beneficente de Senhoras em homenagem à redação do Corimbo



A interação entre as literatas e jornalistas, por meio do periódico que redigiam, com o Clube Beneficente de Senhoras, demonstrava a amplitude da entidade ao longo das várias localidades sul-rio-grandenses, como ao noticiar a criação da instituição na vizinha cidade de Pelotas, com a referência ao surgimento do “benemérito e distinto Clube” na localidade,

o qual era “composto de gentilíssimas senhoras, e cuja diretoria está ao encargo de um grupo de almas verdadeiramente votadas ao bem, de espíritos abertos a todas as virtudes” e “a todos os dotes que recomendam a mulher” (Corimbo, 21 out. 1901, p. 4).

¹ Nesta pesquisa há o destaque às repercussões nas páginas do *Corimbo* da ação do Clube Beneficente de Senhoras ao longo de seus trinta anos iniciais. Não ocorre, entretanto, um levantamento integral, pois as diversas interrupções que sofreu o periódico e as grandes falhas

nas coleções existentes (uma das maiores nos anos vinte) permitem apenas uma rápida amostragem destas repercussões.

No terceiro ano de existência da entidade, o Corimbo demonstrava a relevância da instituição, ao anunciar que, “com verdadeira imponentia realizou este benemérito grêmio uma sessão comemorativa de seu aniversário”. Informava ainda que “o festival foi abrilhantado com imenso auditório”, fazendo-se “representar autoridades civis e militares, imprensa e vários clubes locais”. Na oportunidade, foram reforçados os “altos fins de caridade” do Clube, concluindo o periódico com a constatação de que “a festa do Clube Beneficente de Senhoras esteve agradavelmente impressionável”. A nota destacava também que as irmãs Melo permaneciam como membros atuantes, inclusive integrando a diretoria (Corimbo, 15 set. 1904, p. 3).

Em outra ocasião, houve a homenagem das escritoras para com a entidade, ao qualificar a mesma como “benemérita sociedade, cercada das simpatias públicas”, ao atuar, “na medida de suas forças, desdobrando sua bandeira de caridade, onde quer que seu auxílio se faça oportuno” (Corimbo, 3 out. 1905, p. 7). Deste modo, a redação da folha literária e feminina chegou a afirmar “que as colunas do Corimbo estarão sempre” ao lado “do piedoso Clube” na sua “nobilitante missão”, fosse “na prática da caridade”, ou ainda “no desenvolvimento intelectual de suas associadas” (Corimbo, 21 out. 1905, p. 7).

As cordialidades entre o periódico e o Clube eram recíprocas, como foi o caso de um aniversário do Corimbo, quando um “grande número de consócias veio à residência das diretoras deste quinzenário”, trazendo “afetuosíssimas saudações e um

belo e significativo mimo”. No ato, foi saudada a ação da diretoria da entidade, sempre “animada dos mais louváveis intuits em prol do honroso programa desse piedoso grêmio” (Corimbo, 1 nov. 1905, p. 7-8).

As atividades culturais da instituição assistencial também foram noticiadas pelo Corimbo, ao referir-se à “sessão educativa e literária do piedoso Clube de Senhoras”, a qual foi caracterizada como “uma diversão de arte, brilhante, encantadora, que ocorreu na melhor ordem e que mereceu os aplausos de todos que a ela assistiram”. Explicitando mais uma vez a mobilização em torno das ações do Clube, o periódico informava que, na solenidade, esteve “presente grande número de sócias e convidados, alguns representantes da imprensa e comissões de sociedades locais”. Na ocasião, foi reiterada a “ação piedosa do Clube de Senhoras” em prol do “meio social” rio-grandino, bem como no sentido “de educar a mulher, de ilustrá-la mesmo, para mais amplo cumprimento de sua alta missão no lar” (Corimbo, 30 abr. 1907, p. 1-4).

O sexto natalício do “simpatizado” e “tão útil grêmio de caridade” foi exaltado pelo periódico redigido pelas irmãs Melo, destacando a realização de uma sessão que se “revestiu de real brilhantismo”. Nessa reunião, foram conclamadas “as senhoras, consócias ou não” a amparar o Clube, de maneira a proteger “crescido número de necessitados desta cidade”. Dentre as falas proferidas na sessão, foi levantada “a bandeira sugestiva da grande causa que ora agita-se com ardor nos mais adiantados centros de progresso e civilização – a

emancipação da mulher” (Corimbo, 18 ago. 1907, p. 5-7).

Com a divulgação das ações da entidade, a revista literária, dava ênfase, mais uma vez, ao “humanitário e futuroso Clube”, em sua “dignificadora peregrinação de caridade, despertando simpatias e colhendo bênçãos de gratidão”. O periódico destacava ainda que a instituição era “composta de senhoras imensamente dedicadas às sublimes causas da caridade e do engrandecimento moral e intelectual da mulher” (Corimbo, 30 nov. 1907, p. 4-6).

A própria redação do Corimbo também desenvolvia campanhas a favor dos desvalidos, principalmente à época do Natal, considerando que tal data era cercada pelas “mais formosas comemorações, que são aquelas em que aparecem as brancas rosas da caridade”. Nessas ações, o periódico se associava às instituições de assistência da cidade, dentre elas, o próprio Clube Beneficente de Senhoras, que distribuía importante valor, “demonstrando assim que não descarta de sua sublime missão em prol dos necessitados”. De acordo com o jornal, àquele “infatigável Clube foram feitos donativos que bastante testemunham a grandeza de sentimentos, o nobre desprendimento de seus ilustres doadores” (Corimbo, 30 dez. 1916, p. 3).

Revocata e Julieta, na redação do Corimbo, permaneceram divulgando as atividades Clube, como no caso de uma seção que contou com “uma numerosa e seleta assistência de sócias animadas dos mais recomendáveis intuitos” (Corimbo, 15 fev. 1917, p. 4). Continuava sendo elogiada a

considerável presença de convidados nas ações “do humanitário Clube Beneficente de Senhoras” (Corimbo, 15 mar. 1917, p. 4), e o aumento do quadro social também foi objeto da atenção do periódico, ao informar “que monta a perto de cem o número de associadas do Clube B. de Senhoras”, felicitando pelo feito a “piedosa instituição” (Corimbo, 30 mar. 1917, p. 4).

Outra atitude do Clube foi destacada pelo Corimbo, ao informar que “esta benemérita instituição de caridade, mais uma vez deu prova de seus altos sentimentos de humanidade”, ao distribuir “entre inditosas criaturas que lutam o dia a dia com os horrores da crise”, um valor em dinheiro. O periódico explicava que “essas espórtulas que tanto sensibilizaram a quem as recebeu foram dadas com muita justiça e critério”, sendo direcionadas para “pessoas que não recebem mensalmente os benefícios do utilíssimo Clube”, de modo que promoveu o atendimento, “com todo o carinho, às contempladas” (Corimbo, 15 abr. 1917, p. 4).

Ao completar década e meia de existência, a entidade recebeu palavras de júbilo de parte do periódico literário e feminino. Segundo o jornal, a “benemérita instituição local, que tantos e tantos benefícios tem feito em nosso meio”, passava pelo seu décimo-quinto aniversário, período no qual “aparecem formosos florões de caridade e dedicação aos desamparados”, ao possuir “à sua frente senhoras cheias de serviços à sublime causa dos necessitados”. O Corimbo considerava que a entidade estava “em uma de suas fases de destaque”, pelo aumento no seu quadro social, aderindo ao “piedoso Clube” para “tomar lugar ao lado

desses dignos legionários do bem”. Os elogios estendiam-se às integrantes da diretoria, caracterizadas como “almas cheias de altruísmo, modelares em sua faina pela árdua, embora nobilíssima, luta pelo infortúnio alheio” (Corimbo, 30 abr. 1917, p. 3).

Em outra edição, o Corimbo se propunha a tratar “mais uma vez desta útil e considerada associação local”, salientando os seus “méritos”, que “vêm de há muito, impondo-se ao apreço e à simpatia de todos aqueles que lhe acompanham a marcha brilhante, fazendo justiça a todo esse grupo de senhoras abnegadas”, que vinha dirigindo a entidade “com notada dedicação, a despeito mesmo do sacrifício de seus encargos de família e das suas horas de doce recreio”. O periódico considerava que a instituição representava “uma coluna abençoada, uma luz vivificadora para os desamparados da sorte, para os peregrinos do infortúnio, para a pobreza enfim”. Destacava ainda o caminho da entidade, ao percorrer “longas estradas de agruras”, para realizar “uma causa santa, um posto de abnegação e de heroísmo”, levantada “como um lábaro de fé e caridade”. Desta maneira, garantia que o Clube tinha “direito a todas as honras, a todos os preitos, com que se cultuam os grandes benfeitores”. O “benemérito Clube” era ainda destacado pela “grandeza de seus sentimentos altruístas”, ao promover o sustento de famílias necessitadas (Corimbo, 15 ago. 1917, p. 1).

As ações natalinas do Clube voltaram a ser anunciadas pelo periódico, comunicando que a entidade “está organizando uma festa de Natal para as crianças pobres”, a qual

vinha obtendo “do público a melhor aceitação para a piedosa ideia” (Corimbo, 15 dez. 1917, p. 4). Realizada a atividade, o jornal noticiou que “o benemérito Clube B. de Senhoras fez uma larga distribuição de doces, brinquedos e fazendas a infinito número de crianças pobres, com o maior carinho e solicitude”. Explicitava assim que, ao atender as “criancinhas necessitadas”, a entidade vira “belamente coroados os seus esforços em prol do Natal dos pobrezinhos” (Corimbo, 30 dez. 1917, p. 3).

Foi também noticiada pelo Corimbo outra campanha da entidade, ao citar que “o piedoso e festejado Clube B. de Senhoras”, apontado como “uma das instituições locais altamente merecedora de todo esse feliz acolhimento”, com o qual o “altruístico público o distingue”, acabara “de reunir à sua já bastante conhecida distribuição de benefícios, um formoso gesto de caridade, ainda não encetado nesta cidade”. Tratava-se da criação do projeto “Gota de Leite”, pelo qual era distribuído diariamente “excelente leite a regular número de crianças reconhecidamente necessitadas”, sendo desempenhada “a missão com todo o carinho e zelo próprio dos magnânimos corações” (Corimbo, 31 maio 1918, p. 4).

Em mais um natalício da instituição, o jornal rio-grandino destacava “este simpático e humanitário Clube”, o qual completava dezassete anos, e seguia “com aplauso geral pelos santos caminhos do bem, acarinhando com o seu óbulo” a um “não pequeno número de desoladas e pobres velhas, e acudindo em doce dedicação a não poucas mães rodeadas de infelizes criancinhas”, por meio de “um alentador gesto de caridade”. Esclarecia também que,

à frente da diretoria continuava atuando “um grupo de distintas senhoras da apreciada sociedade rio-grandense” (Corimbo, 15 ago. 1918, p. 3).

Já nos anos trinta, o Corimbo noticiava a realização de um “magnífico chá” por parte do Clube, que permanecia em sua atividade de assistência, uma vez que, a “bela noitada” teve o “seu produto pecuniário destinado a beneficiar a ‘Gota de Leite’, mantida pelo aludido clube”, constituindo atividade “assistida por nosso escol social” (Corimbo, maio 1930, p. 4). Na mesma época, o periódico voltava a enaltecer o papel do Clube Beneficente, ao considerar que o mesmo era “nesta cidade um marco bordado de valiosos atestados de caridade” (Corimbo, ago. 1930, p. 4).

No trigésimo aniversário da instituição, já sem a presença de Julieta Monteiro, a redação do Corimbo saudou a efeméride, enfatizando o papel social da entidade, com destaque para a ação feminina na edificação daquela já longa atuação. O periódico noticiava desta maneira que o “benemérito Clube” vencera “uma de suas eloquentes estações”, na “luta dignificadora a que se impôs, servindo com indiscutível energia, com abnegação, com carinho à causa santa e alevantada da caridade”, vindo a ser “feita justiça” quanto à constatação de que “a mulher é exemplar no terreno do bem” (Corimbo, ago. 1931, p. 4).

Ficava assim demarcada a ação das irmãs Melo como intelectuais engajadas por uma

causa social, lutando pelos desvalidos, especialmente em apoio às mulheres necessitadas. O reconhecimento literário e jornalístico em muito serviu para que elas atuassem fortemente na mobilização da sociedade rio-grandina no sentido de combater os focos de miséria e fome que assolavam a cidade. Escrevendo em prol da causa, atuando diretamente na diretoria do Clube Beneficente de Senhoras, participando decisivamente nas atividades organizadas pela entidade ou utilizando o periódico que dirigiam como difusor dos princípios em torno da assistência e da caridade, Julieta de Melo Monteiro e Revocata Heloísa de Melo, apoiando a tantas que se dedicaram à causa, promoveram mais uma de suas frentes de luta, no combate às mazelas sociais típicas da primeira metade do século XX²

² Este artigo faz parte de uma pesquisa em execução e com continuidade, a qual é destinada à elaboração da Tese de Doutorado, abordando a ação de Revocata

Heloísa de Melo no periódico *Corimbo*, realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da FURG.

FONTES DOCUMENTAIS:

ARTISTA. Rio Grande, 5 out. 1901, ano 39, nº 179, p. 2.
CORIMBO. Rio Grande, 21 out. 1901, ano 19, nº. 173, p. 4.
CORIMBO. Rio Grande, 15 set. 1904, ano 21, nº. 240, p. 3.
CORIMBO. Rio Grande, 3 out. 1905, ano 22, nº 236, p. 7.
CORIMBO. Rio Grande, 21 out. 1905, ano 22, nº 237, p. 7.
CORIMBO. Rio Grande, 1 nov. 1905, ano 22, nº. 238, p. 7-8.
CORIMBO. Rio Grande, 30 abr. 1907, ano. 23, nº. 267, p. 1-4.
CORIMBO. Rio Grande, 18 ago. 1907, ano 23, nº. 270, p. 5-7.
CORIMBO. Rio Grande, 30 nov. 1907, ano 23, nº. 274, p. 4-6.
CORIMBO. Rio Grande, 30 dez. 1916, nova fase, nº. 75, p. 3.
CORIMBO. Rio Grande, 15 fev. 1917, nova fase, nº. 78, p. 4.
CORIMBO. Rio Grande, 15 mar. 1917, nova fase, nº. 80, p. 4.
CORIMBO. Rio Grande, 30 mar. 1917, nova fase, nº. 81, p. 4.
CORIMBO. Rio Grande, 15 abr. 1917, nova fase, nº. 82, p. 4.
CORIMBO. Rio Grande, 30 abr. 1917, nova fase, nº. 83, p. 3.
CORIMBO. Rio Grande, 15 ago. 1917, nova fase, nº. 90, p. 1.
CORIMBO. Rio Grande, 15 dez. 1917, nova fase, nº. 98, p. 4.
CORIMBO. Rio Grande, 30 dez. 1917, nova fase, nº 99, p. 3.
CORIMBO. Rio Grande, 31 maio 1918, nova fase, nº. 109, p. 4.
CORIMBO. Rio Grande, 15 ago. 1918, nova fase, nº 114, p. 3.
CORIMBO. Rio Grande, maio 1930, nova fase, nº 345, p. 4.
CORIMBO. Rio Grande, ago. 1930, nova fase, nº 348, p. 4.
CORIMBO. Rio Grande, ago. 1931, nova fase, nº 360, p. 4.
DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 2 ago. 1901, ano 53, nº. 140390, p. 2.
DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 3 ago. 1901, ano 53, nº. 140491, p. 3.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. A influência do jornalismo. In: Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 99-120.

_____. A economia das trocas simbólicas. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRANCO, Lúcia Castelo. O que é escrita feminina. São Paulo: Brasiliense, 1991.

COELHO, Nelly Novaes. Dicionário crítico de escritoras brasileiras. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

COSTA, Carlos. A revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro. São Paulo: Alameda, 2012.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. Dicionário de mulheres. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1999.

_____. Dicionário de mulheres. 2.ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.

LAGES, João Marinônio Carneiro. O Clube Beneficente de Senhoras. In: AGORA. Rio Grande, 15 jul. 2011, ano 36, nº 9982, p. 4; 22 jul. 2011, ano 36, nº. 9988, p. 4; 25 jul. 2011, ano 36, nº. 9990, p. 4; 29 jul. 2011, ano 36, nº 9994, p. 6; 1 ago. 2011, ano 36, nº. 9996, p. 4).

LAMAS, Rosmarie Wank-Nolasco. Mulheres para além do seu tempo. Venda Nova: Bertrand, 1995.

BIBLIOGRAFIA

- LOUSADA, Isabel. Imprensa: amplificador da voz feminina. In: *Percursos, conquistas e derrotas das mulheres na 1.ª República*. CML, 2010, p. 41-48.
- _____. Carolina: por entre os itinerários da memória e da ciência. In: *Gaudium Sciendi – Revista da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa*, n. 2, jul. 2012, p. 108-117.
- MINGOCHO, Maria Teresa Delgado. Nota prévia. In: *Actas do Colóquio Escrita de mulheres*. Coimbra, Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra, 2005. p. 7-8.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. A ascensão das mulheres no romance. In: ARRUDA, Aline Alves et al. (orgs.). *A escritura no feminino – aproximações*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011. p. 17-27.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2015.
- PRADA, Cecília. *A pena e o espartilho*. 2.ed. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2010.
- PRIORE, Mary del. *Histórias da gente brasileira*. São Paulo: Leya, 2016. v. 2.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. Revocata Heloisa de Melo. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2.ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 892-902.
- SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário de mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- SOARES, Pedro Maia. Feminismo no Rio Grande do Sul – primeiros apontamentos (1835-1945). In: BRUSCHINI, Maria Cristina; ROSEMBERG, Fúlvia (Org.). *Vivência: história, sexualidade e imagens femininas*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Brasiliense, 1980. p. 121-150.